

“MARIA, MARIA MISTURA DE DOR E ALEGRIA”: AS MEMÓRIAS DOS BECOS

“MARIA, MARIA MIXTURE OF PAIN AND JOY”: THE ALLEY MEMORIES

Jesuino Arvelino Pinto¹
Paulo Marchiori Corte²
Ana Cláudia Servilha Martins Poletto³

RESUMO

Este artigo propõe verificar as representações da mulher negra no Brasil a partir do romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, a fim de ampliar a discussão sobre o racismo estrutural, destacando, dentre outros pontos, questões de identidade e subalternidade histórica. Para abordar as representações do racismo estrutural na literatura afro-brasileira, busca-se aporte teórico nas teses postuladas por Arendt (2020), Ribeiro (2021), Candau (2016), dentre outros. Ao discorrer nesta narrativa sobre o encontro das vivências, suas formas e representações da busca e reencontro, mesmo atreladas ao racismo estrutural, é possível perceber, na obra, a possibilidade de a mulher preta produzir fala e fazer-se ouvir, a partir de suas ações de poder com as suas e seus, neste ambiente de subalternidade, alicerçado sob o prisma do racismo estrutural.

Palavras-chave: Literatura e vida social, vozes subalternizadas, poder, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This article proposes to verify the representations of black women in Brazil from the novel *Becos da memória*, by Conceição Evaristo, in order to enlarge the discussion on structural racism, highlighting, among other points, issues of identity and historical subalternity. To address the representations of structural racism in afro-brazilian literature, theoretical support is sought in the theses postulated by Arendt (2020), Ribeiro (2021), Candau (2016), among others. When discussing in this narrative about the encounter of experiences, their forms and representations of the search and reunion, even linked to structural racism, it is possible to perceive, in the work, the possibility of

¹ Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. E-mail: marchiori.corte@unemat.br

³ Estagiária de Pós Doutorado pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação – Pós Doutorado Estratégico - PDPG/CAPES no PPGLetras, UNEMAT – Sinop. Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: ana.martins@unemat.br

the black woman to produce speech and make herself heard, from her actions of power with theirs and theirs, in this environment of subalternity, based on the prism of structural racism.

Keywords: Literature and social life, subaltern voices; power, Conceição Evaristo.

O som da escrita

Conceição Evaristo é o nome que ecoa, que desbrava as fronteiras de um caminho iniciado por outras mulheres negras, que propaga dentro da literatura afro-brasileira de autoria feminina. O seu nascimento, em Belo Horizonte (MG), no ano de 1946, ganhou significações a cada dia, pois sempre atenta à sua gente, que se construiu em torno em si, na favela do Pindura Saia, dessa mesma cidade, foi se moldando e resistindo. Nesse ambiente, parafraseando Maria-Nova, personagem do romance *Becos da memória*, homens, mulheres, crianças amontoavam dentro dessa curiosa e inquieta alma humana que busca ir além daquilo que é esperado de si, por sua cor, sua classificação social, seu gênero (EVARISTO, 2017b, p.17).

O despertar para uso da palavra escrita é marcadamente presente em suas vivências desde que conseguira juntar as letras e significá-las. Sempre fora estudante de escola pública, assim como suas irmãs e irmãos. Sofreu segregação dentro da escola nos primeiros anos de sua vida escolar, pois não pertencia aos grupos de evidências, como os medalhistas, cantores, dançarinos. Ao ser aprovada com êxito para a quarta série, foi alocada no andar superior da escola, onde estavam estudantes destaques do colégio, gerando descontentamento para muitos professores.

Por ser questionadora e não aceitar as condições a ela impostas, Evaristo sempre procurou meios de estar presente. Mesmo sem convites, participava dos eventos escolares, concursos de redação, ato que acometia incômodo a muitos, mas também agradava a outros tantos.

Seu primeiro prêmio literário foi recebido em 1958, quando ganhara o concurso de redação cujo tema era “Por que me orgulho de ser brasileira”. Conceição Evaristo diz sobre sua passagem pela escola;

[...] não tinha sido de uma aluna bem-comportada. Esperavam certa passividade de uma menina negra e pobre, assim como da sua família. E não éramos. Tínhamos uma consciência, mesmo que difusa, de nossa condição de pessoas negras, pobres e faveladas⁴.

A história continuava a ser escrita e vivida. Babá e faxineira foi com que trabalhou enquanto cursava os estudos secundários. Sempre quis ser professora. Quando concluiu o curso normal, aos 25 anos, não conseguiu emprego em Belo Horizonte; assim, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1973, ocasião em que foi aprovada para o magistério. Nesse processo, é perceptível que Conceição Evaristo não se acomodava diante das adversidades, procurava sempre meios de contornar situações que a poderiam excluir.

Ingressou, em 1987, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e formou-se em Letras. Ingressou no mestrado em Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) onde defendeu, em 1996, a dissertação *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Defendeu a tese de doutoramento *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*, em 2011, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Sua estreia na literatura aconteceu no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*, publicação literária periódica que teve início em 1978, com o intuito de veicular a cultura e a produção da escrita afro-brasileira, seja na forma da prosa, seja na forma da poesia⁵.

Nos últimos anos, seus livros, que continuam recebendo novas edições no Brasil, foram traduzidos para o francês e publicados em Paris pela editora Anacaona, *L'Histoire de Poncia* (2015), *Banzo, mémoires de la favela* (2016) e *Insoumises* (2018), assim como *Poèmes de la mémoire et autres mouvements*. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a “Ocupação Conceição Evaristo”, contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. No contexto da exposição, foram produzidas as *Cartas Negras*, retomando um projeto de troca de correspondências entre escritoras negras iniciado nos anos noventa. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do

⁴ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 13 out. 2021.

⁵ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 18 out. 2022.

Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Nesse mesmo ano, 2018, concorreu à Academia Brasileira de Letras. Apesar de grande movimentação popular, não conseguiu a vaga, a qual é ocupada pelo cineasta Cacá Diegues. Evaristo recebeu um único voto⁶.

Romancista, contista e poeta, é também pesquisadora na área de literatura comparada e foi professora na rede pública fluminense. Sua matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras e seu trabalho tem por base reflexões sobre as profundas desigualdades raciais brasileiras. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na coletânea *Cadernos Negros*.

Comunicar-se de forma oral é uma das grandes características do ser humano. É por meio do diálogo que se constrói e se transmite informações e se faz conhecimento. Na escrita de Evaristo, vê-se presente esse regaste da oralidade, oriunda de seus ancestrais provenientes da diáspora africana, conforme aponta Moura (2019, p. 190)

Na África, a tradição oral é praticamente responsável pela transmissão da memória coletiva. Vários gêneros de comunicação nesse sentido existem para que isso possa ser realizado. Temos: a. *poesia*, forma de expressão mais frequente. refere-se quase sempre ao passado da África, às civilizações que sucederam e às culturas que lhe deram suporte; b. *conto*, que são grupo de fábulas, lendas, mitos intercalados com fatos reais, terminando o narrador ilustrando-o com um preceito moral; c. provérbios [...]; d. ditados.

As narrativas evaristianas trilham pelo conto, poema e romance. Entre elas, temos *Olhos d'água* (2014), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), as obras que fazem parte do *corpus* desta dissertação, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) e, mais recentemente, *Canção para ninar menino grande* (2019).

Pelos Becos: andanças e lembranças

Muito foi construído no imaginário popular; a crença de um país, de um Brasil composto por “brasis”, de uma efervescência multicultural, onde a pacificidade e o respeito ao outro era o grande elo entre toda a nação, sem a existência segregatória do

⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/30/caca-diegues-e-eleito-novo-imortal-da-academia-brasileira-de-letas-no-rio.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2022.

racismo. O surgimento do Brasil está ligado diretamente ao tráfico de pessoas africanas. A violência do sistema colonial foi naturalizada, gerando, assim, a ideia de que a população negra, desde sua origem de África à sua chegada e permanência violenta no Brasil, acontecesse de modo natural e que tal sistema fosse necessário para o desenvolvimento de toda a história do país.

Em um país como o Brasil, historicamente marcado por um período de escravização de pessoas negras, é urgente que produções literárias de histórias do povo negro sejam lidas, contadas, analisadas, pois, a partir delas, há a construção de um processo libertador da história contada por pessoas brancas.

Ao apresentar em suas narrativas pessoas negras como protagonistas, Evaristo evidencia que a pessoa negra é também dona da história, parte de sua construção e não apenas um agente passivo, subordinado ao senhorio branco. “Mãe Joana, Maria-Velha, Tio Tatão, todos diziam que a vida seria diferente para ela. Seria?! Afinal ela estava estudando. Maria-Nova apertou os livros e o caderno contra o peito, ali estava sua salvação” (EVARISTO, 2017b, p. 110).

Becos da memória (2006) é o segundo romance que compõe a proposta de análise desta pesquisa, para trazer à tona a história e vivências de um povo que se constrói à base do racismo estrutural. No romance, Conceição Evaristo traduz denúncias e quebra de paradigmas provenientes daqueles que escravizaram e fizeram silenciar a pessoa negra em nossa sociedade.

Com uma escrita que permite reflexões sobre a realidade, por muitos não questionada, *Becos da Memória* dá voz às pessoas que vivem à margem, subalternizadas na sociedade. Escancara as vivências silenciadas, excluídas por um sistema estruturado e pautado no racismo que se enraíza e se mantém em nossa sociedade.

A narrativa do romance é uma evocação das memórias de Maria-Nova. “Naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo” (EVARISTO, 2017b, p. 16). Nessas memórias, apresenta-se uma coletânea das vivências dos moradores de uma favela que se encontra em processo de despejo, de desfavelamento e a busca pelo entendimento e afirmação de ser pessoa negra no Brasil que, por muitos fatores ideológicos, vive as mazelas trazidas pelo racismo.

O não conhecimento de História da África, por exemplo, é produto de uma decisão ideológica pois, à medida que é um sistema social necessita para o seu padrão de acumulação de riquezas construir hierarquias entre seres humanos, determinados temas que contrapõe a essa hierarquia estabelecida não são de interesse (OLIVEIRA, 2020, p. 64).

A personagem narradora onipresente, Maria-Nova, de treze anos, vive a memória, a história e a busca das personagens que habitam a favela. Pela escuta, em suas vivências cotidianas, procura costurar as narrativas com a situação que seus semelhantes vivem. Coleciona histórias. “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não sabia como. Era muita para se guardar dentro de um só peito” (EVARISTO, 2017b, p. 37).

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais residem em sua capacidade de produzir coisas – obras, feitos e palavras – que mereciam estar e, pelo menos até certo ponto, estão confortáveis na eternidade, de sorte que por meio delas os mortais pudessem encontrar o seu lugar em um Cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios (ARENDR, 2020, p. 25).

Escrito em terceira pessoa, com uma personagem narradora que descreve os acontecimentos e sensações a partir das relações que a narradora onipresente vivencia com as suas e seus, histórias chegam como impulsionadores de mudança, de buscas, no momento em que moradores de uma favela, na capital mineira, passam por um processo de desfavelamento.

Durante a retirada dos moradores, Maria-Nova percorre os becos da comunidade, os becos das memórias de um grupo social, percebido aqui como um recorte geopolítico de um povo, desvincilhado de sua origem, que se faz presente no “presente-passado-e-o-que-há-de-vir” (EVARISTO, 2020, p.111), mas excluído, silenciado e negligenciado pela história oficial do Brasil.

Nas andanças de Maria-Nova pelos becos, o leitor é levado ao cotidiano de famílias, pessoas, suas dores, angústias, lutas, sonhos de um povo marcado pelas mazelas da pobreza.

A pobreza vivida pela personagem é a figuração de um racismo estrutural como o “produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural” (OLIVEIRA, 2020, p. 65).

A coletânea de histórias contadas no romance está presente no seio da sociedade brasileira. As personagens apresentam, em suas histórias à Maria-Nova, temáticas que muito incomodam a coletividade, como incesto, abuso sexual, violências, doméstica, psicológica, sexual, a miséria e, ainda, possibilidade de, mesmo nessas condições, construção de poder. O poder não como imposição violenta, mas como espaço de construção conjunta, de se fazer fala e assim se ouvir, aqueles que, muitas vezes, são invisibilizados na história de nosso país.

Maria-Nova demonstra em suas atitudes o que Arendt define como *ação*. A ação traz consigo a finalidade para algo. O ser humano, em sua condição humana, é inserido nesse mundo por palavras e atos, como um segundo nascimento, por onde confirmamos nosso nascimento físico original.

A ação de Maria-Nova é política e traz consigo a grandeza da capacidade humana que, atrelada à liberdade, contrapõe a própria morte à memória; também está ligada à própria mortalidade e finitude que o ser humano tem em si.

Em sua totalidade, correspondendo a todas as atividades humanas, a *vita activa* está voltada à inquietude, termo trazido por Arendt (2020) de Aristóteles, como a ideia de movimentação, ou seja, o ser em ação.

A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital identificável desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica. Essa vida individual difere de todas as outras coisas pelo curso retilíneo do seu movimento, que, por assim dizer, trespassa um movimento circular da vida biológica. É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta em um universo em que tudo que se move o faz em um sentido cíclico (ARENDR, 2020, p. 23-24).

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais residem em sua capacidade de produzir coisas – obras, feitos e palavras – que mereciam estar, e, pelo menos até certo ponto, estão confortáveis na eternidade, de sorte que, por meio delas, os mortais

pudessem encontrar o seu lugar em um Cosmo, onde tudo é imortal, exceto eles próprios; os mortais que buscam a sagaz e inatingível imortalidade.

Nesse processo de agir, à medida que Maria-Nova percorre os becos de suas memórias, personagens vão surgindo. Prostitutas, benzedeadas, meninas e meninos de rua, beberrões, desempregados, fugitivos revolucionários, domésticas, figuras enigmáticas que compuseram suas vivências durante sua morada na favela.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia emolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tio puxa-faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin (EVARISTO, 2017b, p. 17.)

O grupo social que Evaristo representa em sua escrita é de pessoas, em sua maioria negras, cerceadas socialmente, em uma forma sistêmica de organização social, de maneira estratégica, como resultado de uma política escravagista de outrora e capitalista atual, pois tem em si a causa geradora de todo racismo brasileiro: “esse racismo não é epifenomênico, porém tem causas econômicas, sociais, históricas e ideológicas que alimentam seu dinamismo atual” (MOURA, 2019, p. 32). A realidade racista vivenciada hoje é resultado da dominação de um aparelho ideológico de uma sociedade escravista, que, embora tenha transicionado de um trabalho escravo para o livre, os mesmos mecanismos foram atualizados e aperfeiçoados, posto que os trabalhadores “livres”, hoje, assalariados ou autônomos, estão presos a um sistema de produção que suga toda vitalidade do ser humano em trabalho.

Ouvidos dos becos: a escuta dos silenciados

Conceição Evaristo tem um estilo de escrita sutil, mas não no sentido de passar despercebido, mas como lâmina afiada que se insere incisiva na realidade silenciada ao longo da história da construção do país, trazendo à tona temas desconfortantes, em uma narrativa forte, delicada e autêntica. Barracos que desfilam se encontram e formam os

becos, espaço descrito sem filtro, sem fetiches; não é percebido como sinônimo de violência brutal, produzida para abastecer um mercado de consumo sedento da desgraça do outro.

A narrativa é composta por fragmentos que denunciam as mazelas sociais, trazendo à tona o mais íntimo de cada personagem, e propondo uma ligação às memórias ancestrais de África como processo de identificação e criação de poder.

A memória é o que traz vida à narrativa do romance de análise, é na memória pessoal que se faz a memória coletiva e da coletiva emerge a individual em busca de autoentendimento. A narradora-personagem deixa clara essa busca: “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2017b, p. 17).

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual ‘das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também, desloca ‘estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo ativa latente, penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2013, p. 64).

Trazer as vivências vividas em outros momentos, vivências de si e do outro, é fator fundamental para a afirmação, a busca, a criação de identidade. É por meio da memória que se forja o sujeito, pois é nela que se significa o presente, o que garante a projeção para um futuro. Assim fez Maria-Nova

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto Caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia (EVARISTO, 2017b, p. 31-32).

A escuta de Maria-Nova representa, nesse contexto, a busca das vivências dos membros de uma comunidade de forma oral, sendo esse mecanismo de oitiva comum

em solo africano em que as memórias são resgatadas e presentificadas, uma transmissão da memória coletiva.

A humanidade, localizada no tempo, é condenada a ele, do qual nenhuma existência está livre, posto que “o fluxo do tempo [...] ameaça os indivíduos e os grupos de sua existência” (CANDAU, 2016, p. 14). Para se resguardar dessa força aniquiladora, buscamos na memória a ilusão para nossa existência e nossa vivência, pois a memória, enquanto construção social, se coloca na relação dialógica com o outro, uma constante atualização e reconstrução do passado, estabelecendo-se entre o indivíduo e o grupo ao qual ele pertence. A memória nos traz forças para encarar o presente, num jogo de quebra-cabeça para juntar as peças daquilo que já se passou, transformando-se numa nova imagem, tendo como ponto de acesso a lembrança, pois “sem lembranças, o sujeito é aniquilado” (CANDAU, 2016, p. 17).

Mulheres e homens, em suas experiências de vida, estão sempre envolvidos e radicados em um mundo próprio, de coisas feitas por eles, um mundo que não conseguem abandonar para ir além dessa realidade. Assim a *vita activa* é mensurada na atividade desenvolvida, pois, para que o ser humano possa existir, necessita do desenvolvimento da atividade humana, já que por ela o mundo é produzido, de modo que nenhum ser humano consegue ser ele mesmo sem a presença de um semelhante seu. “Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens” (ARENDT, 2020, p. 27).

A ação é um privilégio exclusivo da humanidade, fruto das inquietações humanas, e necessita de forma integral da presença contínua de outros. Para tal, é imprescindível a presença desses outros em local onde todos possam compartilhar seu pensamento, como o espaço público, que pode ser entendido como aparência, algo que, para Arendt (2020), é aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos, constituindo, assim, uma realidade.

O nosso senso de realidade “depende totalmente da aparência e, portanto, da existência de um domínio público no qual as coisas possam emergir da treva de uma existência resguardada, até a meia luz que ilumina nossas vidas privadas e íntimas deriva, em última análise,

da luz muito mais intensa do domínio público” (ARENDDT, 2020, p. 62).

No curso dos acontecimentos, a condição para que haja a criação da memória, ou seja, para a existência da história é a ação, pois ela está voltada à fundação e preservação dos corpos políticos. De forma íntima, a ação se estabelece estreitamente com a condição humana da natalidade:

o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. nesse sentido de iniciativa, a todas as atividades humanas é inerente um elemento de ação e, portanto, de natalidade (ARENDDT, 2020, p. 11).

Maria-Nova sofria por estudar em uma escola de brancos. Mas isso não a intimidava, era pressuposto para ir além. “Tinha medo e vergonha de tudo, dos colegas, dos professores. Despistava, transformava medo em coragem. Tinha uma vantagem sobre os colegas: lia muito” (EVARISTO, 2017b, p.110).

A narradora-personagem tem consciência da história das lutas que as pessoas negras travam no Brasil. Sempre questionadora, Maria-Nova tinha um diferencial, ia à escola, sabia ler e escrever. E queria ir além, queria trazer voz a todos que a ela confessaram suas mais íntimas histórias. Na sala de aula, após uma aula de história, quis contestar, como de costume, e quis contar a história verdadeira.

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017b, p. 150-151).

A problemática da educação no Brasil, como destaca Cruz (2005), acompanha uma tendência de excluir povos que não pertencem à cultura europeia das narrativas de seu campo histórico, justificada por ideias que esses povos não produziam histórias significantes para se ater a elas antes do contato com os brancos.

Os autores que compõem o conjunto de referências que realizam a crítica historiográfica da história da educação brasileira, ao analisarem os estudos realizados no campo da história da educação, indicam que esses trabalhos têm apresentado algumas limitações, tais como: termo educação restrito ao sentido de escolarização da classe média; periodização baseada em fatos político-administrativos; temáticas mais enfocadas em contemplar o Estado e as legislações de ensino; ausência da multiplicidade dos aspectos da vida social e da riqueza cultural do povo brasileiro (CRUZ, 2005, p. 22).

Maria-Nova quebra paradigmas: “agora ela [Maria-Nova] já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2020, p. 161).

A fragmentação inicial do romance apresenta a ideia histórica de desmantelamento da pessoa negra, suas organizações e lutas. As personagens se entrecruzam numa tecitura de vivências de narrativas históricas e construção da própria história, pois juntas reconectam o elo que fora negligenciado, a identidade de uma nação diaspórica.

“Só o amor que conhece o que é verdade”: alteridade da comunidade

Vó Rita é figura emblemática e enigmática, a representação do amor, da afetividade entre todos. Sempre disposta a ajudar, sua voz era conhecida por todos. Trazia consigo a admiração e o medo de Maria-Nova.

Vó Rita me atraía, mas eu tinha medo, muito medo... Vó Rita guardava tanto amor no peito! [...] Vó Rita era imensa. Gorda e alta. Tinha um vozeirão. Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando. Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava. Boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos (EVARISTO, 2017b, p. 27).

Vó Rita envolvia as buscas de Maria-Nova. Morava com a Outra. Ninguém sabia quem era. Despertava curiosidade. “Vó Rita dormia embolada com ela. E quando eu via Vó Rita minha curiosidade ardia” (EVARISTO, 2017b, p. 27). Vó Rita resplandecia amor por onde passava, como se chuvas de bondades saíssem de seu peito e encharcassem aqueles que estavam à sua volta.

Tio Totó, homem que carrega consigo a história de sofrimento, de perdas, de recomeço e de esperança faz a ligação entre o passado escravo e o presente da favela. Agora, na velhice, com a terceira esposa, Maria-Velha, busca se curar de tantos traumas que a vida lhe trouxe. Carrega no peito a dor de ter perdido a primeira mulher e a filha, Catita e Miquelina, numa tentativa de fuga, em que somente ele chega à outra margem do rio. A perda de Nega Tuína, com quem recomeçara a vida depois do incidente, o fez sangrar, mas era homem duro. Apesar das dores, Tio Totó “sempre foi um homem de risos e sorrisos fartos. A gargalhada dele retumbava” (EVARISTO, 2017b, p. 49). Já era homem velho, com seus noventa e tantos anos.

Rei de congado, Tio Totó tinha orgulho de ser. Sentia-se livre, podia ser ele mesmo. Guardava com orgulho a lembrança de outrora.

A caixa de congada de Tio Totó, pendurada no caibro do telhado[...] A ‘coroa do rei’ que ele usava nas festas de congada brilhava pelo efeito do *Kaol* sobre a cômoda de madeira. Era bom brincar de rei. Ele vestia roupas vistosas, bonitas. Todas as festas acabavam sempre na capelinha que os participantes do congo haviam construído em honra de Nossa Senhora do Rosário. A imagem ficava sobre o andor que D. Anália e outras mulheres enfeitavam sempre com papel crepom e seda (EVARISTO, 2017b, p. 174-175).

A excelência humana se desloca do espaço privado para se aflorar no espaço público, no qual o ser humano deixar fluir e manifestar toda sua capacidade, pois nesse espaço a presença do outro é a garantia da paridade, da realidade do mundo: “o que quer que toque a vida humana ou mantenha uma duradoura relação com ela assume imediatamente o caráter de condição da existência humana” (ARENDRT, 2020, p. 12).

Quando o sujeito colide com a realidade que o mundo exerce sobre si é experimentado como força condicionante, sendo impossível a existência humana sem as coisas, mas, como condicionantes para tal existência, deixa de ser um amontoado de coisas, deixa de ser “não-mundo”.

No espaço público, a “alteridade é, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade, a razão pela qual todas as nossas definições são distinções, pela qual podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra” (ARENDRT, 2020, p.218). Assim, a alteridade presente e manifestada no ser humano, partilhada por ele em suas

vivências, “torna-se unicidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade humana” (ARENDR, 2020, p. 218).

Maria-Velha, mulher de garra, da lida, teve muitas perdas acumuladas na sua história, mas, junto a Tio Totó, se refizera. Viera de muitas dores e, por isso, talvez, sorrisse só para dentro. Ela sempre contava uma história, repetidas vezes para Maria-Nova, a de que seu avô sempre chorava, quando Maria-Velha ainda menina brincava. O motivo era que vinha à mente do avô a imagem de uma de suas filhas, que fora mãe de leite e que se revoltara contra “seu sinhô”. Açoitada no tronco, “a criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece. - Não matem ‘mamãe preta’, não matem mamãe preta” (EVARISTO, 2017, p. 31), e, então, fora vendida e o avô de Maria-Velha nunca mais viu a filha.

A retórica holística definida por Candau (2016) é aquela que estrutura a identidade, os grupos humanos, organiza sentido, formada por uma série de saberes acumulados e interpretados pelo sujeito para a formação de sua identidade, a qual, por sua vez, se refere a um estado, não podendo esse conceito ser aplicado nem ao indivíduo, nem a um grupo social. Estados mentais não são comunicáveis, não podem ser absorvidos pelos sujeitos de forma simultânea. A transmissão das lembranças não produz os mesmos sentidos, de modo que nem sempre a memória social se torna efetivamente coletiva.

[...] para toda manifestação da memória há uma verdade do sujeito, diferenças recuperadas entre a narração (a memória reconstituída, as maneiras de ‘ter por verdadeiro’) e a realidade factual: se podemos dizer que a verdade do homem é o que ele oculta, o fato de ocultar é também sua verdade (CANDAU, 2016, p. 72)

Maria-Velha, protetora de Maria-Nova. Atenta aos seus desejos, a tia sempre tinha histórias tristes para rememorar. Mas havia aquele que ia pelos becos, no barraco de um e de outro, sabia de tudo, ajudava todos, era conhecedor de todas as misérias e grandezas da favela: esse era Bondade. Estava presente nos melhores e nos piores momentos dos moradores da favela. Era considerado até símbolo de sorte nos jogos de futebol que aconteciam na favela. “Ele era uma espécie de talismã, era o ‘pé de coelho’

da moçada. No dia que Bondade não aparecia podia-se saber que alguma coisa não sairia bem” (EVARISTO, 2017, p. 23-24).

A presença de Bondade nos espaços públicos da favela traz consigo a ideia e presentificação da alteridade, pois esta é, “sem dúvida, aspecto importante da pluralidade, a razão pela qual todas as nossas definições são distinções, pela qual podemos não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra” (ARENDT, 2020, p. 218). Assim, a alteridade presente e manifestada no ser humano, partilhada por ele em suas vivências, “torna-se unicidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade humana” (ARENDT, 2020, p. 218).

Durante os festivais de bola, a presença de Cidinha-Cidoca era certa. Gostava de estar entre os moços, provocava-os. Havia quem entre eles nem chutava a bola direito, pois estava pensando nela. Mas isso em outros tempos. Agora anda suja, um olhar parado no vazio, caminha sem direção, despenteada. Agora bebia se lhe dessem, aquela que outrora, conhecida como “rabo de ouro”, “Não havia quem provasse que não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, Moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca” (EVARISTO, 2017b, p. 21). Mas ninguém sabe o porquê do adoecimento de Cidinha-Cidoca, ela foi afastando de si mesma, foi abandonando tudo aos poucos.

Os tratores trabalhavam sem parar. Parece que tinham fome de destruição. Um grande buraco foi aberto, o “Buracão”. O buracão era lugar para tudo. “O Buracão parecia crescer na área vazia da favela que se esvaziava ainda e ainda. Era uma imponente cratera” (EVARISTO, 2017b, p.158). Foi nesse local que Cidinha-Cidoca foi encontrada morta. Morte inexplicável.

Os homens mais fortes desceram até o fundo. Vimos que eles traziam alguém no colo, desmaiado talvez. E a certa distância, já quando eles estavam quase chegando cá em cima, reconhecemos e entendemos tudo. Era Cidinha-Cidoca-Maria-Minhoca. Seria o morrer de não viver?... (EVARISTO, 2017b, p.158).

A presença do banzo em Cidinha-Cidoca é perceptível pelo esvaimento de si mesma. Seu abandono. A alegria que existia nela e era transmitida aos outros pela usurpação de seu corpo agora se transforma em tristeza, desolamento, morte.

O banzo, conforme Nascimento (2016), compreende a situação em que “o africano era afetado por uma patética paralização da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança. Faltavam-lhe as energias, e assim ele, silencioso no seu desespero crescente, ia morrendo aos poucos, se acabando lentamente” (NASCIMENTO, 2016, p. 71).

Negro Alírio chegou à favela em dia chuvoso. Maria-Nova achou o homem muito bonito. Gostou dele. Chegou assustado. Ficou pouco na casa de tio Totó e logo “baixou sua tenda na casa, no corpo e no coração de Dora” (EVARISTO, 2017, p. 40). Negro Alírio carregava um segredo consigo. Maria-Nova sentia isso.

Dora era uma mulher muito bonita. Todos os homens a queriam possuir. Tinha um sorriso sempre no rosto. Alta, “mulata”, morava em seu barracão na esquina. Todos a conheciam. Dora trazia doces lembranças da infância.

Nas trocas de suas histórias com Dora, omitiu parte, não contou tudo. Logo arrumou trabalho numa construção civil. Trabalhava o dia todo. À noite, Negro Alírio ensina outras pessoas da favela a ler e a escrever. Conquistou espaço e logo os operários da obra queriam aprender a ler. “Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam” (EVARISTO, 2017b, p. 95). Gerava amizade entre os operários e inimizades entre os patrões.

Antes de chegar na casa de Tio Totó e depois ir para casa-corpo-corção de Dora, Negro Alírio viera de outro estado. Trabalha no porto descarregando navios. Lá era sindicalista junto com seus companheiros. Faziam greves, eram brutos, mas sábios. Suas greves incomodavam o Brasil inteiro. O mistério inicial é que Negro Alírio veio fugido, estava sendo perseguido, era líder de greve.

Negro Alírio lutava pelos direitos de igualdade dos moradores da favela, pessoas batalhadoras que sobreviviam diante de péssimas condições de vida, mas que não perdiam a esperança e o desejo de um mundo melhor.

A presença de negro Alírio foca a discussão na questão educacional, na perspectiva do abandono, negligência e exclusão do negro no processo de conhecimento formal e deflagra ao mesmo tempo a importância da organização da ação conjunta. Ao alfabetizar outros trabalhadores, traz novamente à tona a importância do espaço público, lugar de reunir com seus semelhantes, a garantia política que, em suma, é a superação

da futilidade da existência humana e da própria mortalidade. Isso garante um espaço com durabilidade para a construção e o exercício da liberdade, pois esta é a expressão máxima da realização política, tendo como campo de experiência a ação.

Sendo a existência humana frágil, somente consegue sair dessa fragilidade por meio da ação política, que traz em si o desejo de estar com o outro, dos sentimentos de amor pelo mundo e paixão pela liberdade. É no espaço público que se percebe e se vive a alteridade. Na alteridade, o ser humano partilha suas vivências com tudo que existe, e, nesse partilhar, torna-se uma unidade, pois a diversidade humana é a contraditória diversidade dos seres únicos.

A distinção única é revelada no discurso e na ação. Segundo Arendt (2020, p. 218), é pela mediação deles que

os homens podem distinguir a si próprios, ao invés de permanecerem apenas distintos; ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens [...]os homens podem perfeitamente viver sem trabalhar, obrigando outros a trabalharem para eles; e podem muito bem decidir simplesmente usar e fruir do mundo de coisas sem acrescentar um só objeto útil; a vida de um explorador ou senhor de escravos e a vida de um parasita podem ser injustas, mas certamente são humanas.

Os becos, com suas encruzilhadas, emendam barracos, calçadas e vivências. Levam e traz pessoas. Num desses becos, Ditinha vai e volta todo dia da casa da patroa. A distância entre a casa da patroa e o barraco de Ditinha era pequena. O bairro rico e a favela eram próximos.

Ditinha era encantada com a “pedra verde macia”. Achava-a linda. Talvez um desejo de menina guardado em si. Sua primeira gravidez aconteceu aos 14 anos. Já não tinha a mãe, à época o pai era bêbado. Nasceu primeiro Beto, depois, ainda, vieram o Zé e o Nico. Tentou abortar todas as vezes.

Vivia a experiência da casa da patroa. As joias. As roupas caras. Os lustres. Já estava exausta de sua vida, estava cansada de ser humilhada: “olhou o seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas” (EVARISTO, 2017b, p. 103).

Ditinha, em uma arrumação pós-festa de aniversário da patroa, arrumou tudo. Deixou-se enfeitiçar pela “pedra verde macia”, o broche, que sob o sutiã, machucava-a.

O quarto estava lindo novamente. Obrigação cumprida. Colocou a caixinha de joias na terceira prateleira; mas, antes, porém, apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave que até parecia macia. Era um broche. Ditinha colocou o broche no peito. Só que do lado de dentro do peito, junto aos seios, sob o sutiã encardido (EVARISTO, 2017b, p. 106).

A patroa sentiu falta da pedra. Policiais foram até a casa de Ditinha e nada encontraram. A pedra havia sido jogada na fossa. Cavaram por dias e nada encontraram. Ditinha fora presa. A responsabilidade da casa, do avô e dos mais novos agora era de Beto, o filho mais velho. O menino de treze anos amadureceu rápido demais.

Ditinha cumpre sua pena, volta para favela, de cabelos curtos. Escondida em si mesma e em seu barraco, de todos. Só a viram, quando o caminhão já estava com mudança em cima, pois seu beco ia ser demolido. Beto a traz pela mão, para alegria de todos. Festejaram sua presença. Ditinha fora colocada no caminhão de mudança. Sorriu. “Era o primeiro sorriso desde aquele dia em que escondera no seio a pedra verde-bonita-suave que até parecia macia” (EVARISTO, 2017b, p. 171), e foi embora, abrindo o caminho para os outros caminhões que seguiam o que ela estava.

A violência presente na vida de Ditinha está além de seu próprio controle, sua ação é antes ditada por outros, pois “a violência abriga em si mesma a arbitrariedade; em nenhum outro lugar a fortuna, a boa ou má sorte, representa um papel mais fatídico nos negócios humanos” (ARENDETT, 2020, p. 94-95).

Histórias vão se formando, tecendo a trama da vida daqueles que não são vistos, mas agora Maria-Nova escutava, escrevia, guardava tudo para ser contado um dia.

Em seu último dia na favela, Maria-Nova percebia as coisas com mais intensidade. A noite estava mais lenta. Por entre as frestas das esparsas telhas, as estrelas estavam quase ao alcance de suas mãos. A lua pousava sobre seu rosto. E, na última noite, no seu último sonho na favela, sonhou com Vó Rita.

Chegou pé ante pé. Grandona. Desajeitada. Abriu a blusa e através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro, um coração enorme.

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.
Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa,
descoloridos...
Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira.
27 de julho de 1986 (EVARISTO, 2017b, p. 184).

As memórias resgatadas trazem consigo vivências de cenas cotidianas protetoras de afetos, produtoras de fala. No agir coletivo de uma sociedade onde a individualidade é vista como parâmetro de convivência social. Tem-se, em *Becos da memória*, descaracterizado desses paradigmas, a crença de que a coletividade, o perceber o outro e sua história seja uma forma de identidade, de junção e retorno a identidades diaspóricas como sinônimo de poder, de independência e autonomia.

Há, em *Becos da memória*, o entrelace de histórias, nas suas mais diversas perspectivas de sujeitos negros que buscam um significado para si em momento que passam por um processo de desfavelamento. Maria-Nova é a porta-voz dos sonhos e desejos dessa comunidade. É a voz da mulher, figurada na mais nova, aquela que descortina possibilidades, sem perder as vozes memoriais que traz consigo, de um rastro de vozes, ressignificadas em memórias. Apresenta-se mais uma vez a escrevivência, característica de Evaristo.

Becos da Memória rememora a vivência da personagem principal, Maria Nova, de 13 anos, que experiencia o processo de desfavelamento, no qual se torna porta-voz das alegrias, sofrimentos e esperança dos que, assim como ela, estavam perdidos de si, de sua identidade, excluídos e miseráveis, mas que procuravam um lugar ao sol. O romance traz consigo a história da fragmentação de sujeitos que, a partir desse local comum, a favela, se reconstroem, formando uma nova identidade cultural, num processo dialético de idas e vindas, de transformações de uma história individual, mas também coletiva, pois a favela e seus moradores não são estáticos.

Marias: vidas que se entrelaçam

No romance, podemos perceber a vivência de dores, de alegrias, da maternidade, de atos violentos contra seus corpos, de reencontro com suas origens na infância, de ações permeadas por conflitos gerados em condições adversas da pobreza, do preconceito, do ser mulher e preta e da busca pela preservação da memória.

Os sentimentos vivenciados em *Becos da memória* buscam, pelas narrativas das personagens, expressar a memória como criadora de identidade, pois, por meio dela, da rememoração apresentada a partir de seus personagens, é possível entender e apresentar a origem diaspórica do povo negro brasileiro para se fazer voz e quebrar um sistema de imposição de valores que o subalterniza.

Para um povo diaspórico, a memória é, na perspectiva do romance, a ferramenta que Conceição Evaristo utiliza para denunciar, abrir caminhos. Nesse sentido, Walter Benjamin (1994, p. 211) afirma que

a rememoração, musa do romance, surge ao lado da memória, musa da narrativa, depois que a degradação da poesia épica apagou a unidade de sua origem comum na reminiscência. A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si.

A verossimilhança presente na narrativa, vivenciada pelas personagens, marca a escrita de um povo que vive as mazelas do subalternizado no Brasil, fortemente presente no afrodescendente. A verossimilhança, a criação literária, é para Candido (2006, p. 53)

[...] este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. [...] A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.

A escrita literária não se prende a padrões impostos, fluindo entre o mundo fictício e o mundo real, numa transposição necessária que se busca, por meio da verossimilhança, para quem a lê, pertencer aos dois mundos. Entretanto, o texto literário, na sua construção, permite “outras finalidades para além da fruição estética, há que se ressaltar a prevalência do trabalho com a linguagem sobre os valores éticos, culturais, políticos e ideológicos presentes no texto” (DUARTE, 2008, p. 18).

A escrita negra, enquanto discurso, linguagem de resistência e identidade, de modo decolonial, rompe ditames brancos de escritas. Quando essa escrita é negra e feminina, gera uma sequência de rompimentos que permite ao negro a quebra de transferência de um processo histórico a partir de seu local de fato: “Pensar em feminismo é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual” (RIBEIRO, 2021, p. 11).

Conceição Evaristo evade as fronteiras fixadas e estabelece *links* entre sua obra e o mundo real dos leitores, que, por muito tempo, consumiu uma literatura estereotipada. Falar, ato de poder e ruptura de subalternização, cria a possibilidade de construção de um novo território mais democrático.

Considerações finais

A atemporalidade e o papel social que a literatura exerce são bases que norteiam e particularizam o texto literário, e, nessa perspectiva, evidencia a escrita afro-brasileira nos estudos críticos da literatura. A escrita permite à pessoa preta fazer-se voz, falando de si para si e para os seus. A notória importância dessas produções é que os saberes e aprendizagens produzidos por indivíduos de grupos historicamente excluídos, para além de serem contradiscursos importantes, “são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (RIBEIRO, 2021, p. 75).

Nesse processo de busca de voz, a mulher preta se destaca com figuras que não se calaram, mulheres pretas que, reconhecendo-se como tal, propuseram na literatura buscar mecanismos de fazer-se ouvir. Possibilitar a criação de mecanismos de fala permite o desenvolvimento do poder da mulher preta e periférica que, embora exposta aos diferentes tipos de vivências atreladas ao racismo, se apresenta de forma estrutural numa sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça.

A capacidade de apreensão e compreensão da realidade que o conhecimento pressupõe precisa ser fundamentada, e não ficar presa a um único olhar. Na narrativa contemporânea de Evaristo, percebe-se a afirmação da cultura do povo marginal e subalternizado. Embora se depare com contextos que buscam abafar sua voz, ainda consegue sair da bolha que o silencia. A escrita de autoria feminina se tornou um

importante e necessário meio de vociferar o que fora há muito silenciado, encontrando na literatura espaço e significância ao falar de si e para si, revelando suas existências.

Nos espaços ocupados pelas narrativas de Evaristo, em foco *Becos da memória*, a ousadia de fazer fala a partir do lugar que ocupa é produzir discurso e, por sua natureza, é ação, e, como tal, torna-se mecanismo político, instrumento proveniente do diálogo e debate público. O agir em concerto, ou seja, agir em conjunto, ação harmônica, vociferar numa mesma frequência rompe barreiras impostas pelo racismo estrutural que exclui, silencia e negligencia corpos pretos e, nesse agir em concerto, faz-se poder, não permitindo que o mal, o racismo, seja banalizado, pois o poder pertencente a um grupo, e essa é sua característica, o conserva unido.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CRUZ, Mariléia dos Santos. *Uma abordagem sobre a história dos negros*. Brasília: MEC, 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 31. p. 11-23, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231171186.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Jurema; DIAS, Mileide. Reflexões sobre memória e oralidade em *Becos da memória* de Conceição Evaristo. *Contexto*, Vitória, n. 37, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30156>. Acesso em: 20 set. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O lugar de fala*. São Paulo: Pólen Livros, 2021.

Recebido em 20/05/2023

Aceito em 20/07/2023